



TRADUÇÃO

**OSSOS E PELO<sup>59</sup>**  
**DE PILAR QUINTANA**

**TRADUÇÃO DE ÁNGELA CUARTAS**

**REVISÃO DE JÚLIA DANTAS**

**Ángela Cuartas**

*Pontíficia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Brasil*  
cuartas.angela@gmail.com

**Júlia Dantas**

*Pontíficia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Brasil*  
juliadantas@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.26512/caleidoscopio.v4i1.26691>

Recebido em: 17/08/2019

Aceito em: 12/07/2020

Publicado em dezembro de 2020

**A onça**

No Orinoco, o extremo mais oriental da Colômbia, um viajante alemão me falou de uma onça que tinham em uma reserva do Pacífico, o extremo mais ocidental da Colômbia. Ele me disse que a levavam para caminhar que nem cachorro, com coleira e guia. As onças não são animais domesticáveis, eu tinha que ver aquilo.

Cruzei o país de ônibus – as planícies extensas, as três cordilheiras e os vales ardentes – e cheguei no porto de Buenaventura, onde tudo é cinza porque vive chovendo. Lá peguei uma lancha voadeira para Juanchaco, a última parada antes da reserva da onça. A viagem, por um mar verde cheio de cristas, durou uma hora.

Juanchaco é uma comunidade negra com casas de tábuas de madeira e um píer de concreto custodiado pelos militares de uma base naval que fica perto. El Paisa, um branco que organiza os passeios turísticos na região, me levou à reserva da onça. Primeiro fomos de moto até um ancoradouro no meio da selva e depois

---

<sup>59</sup> QUINTANA, Pilar. Animales no domesticables. *Revista Dossier*, 28, Chile, jun 2015, 1. p.

Disponível em [revistadossier.cl/animales-no-domesticables](http://revistadossier.cl/animales-no-domesticables), acesso em 15/08/2019.

Este conto foi publicado originalmente como “Animales no domesticables”. A mudança de título foi realizada posteriormente pela autora.



navegamos em um barco de madeira por um esteiro de águas turvas que nos conduziu até o meu destino.

O administrador da reserva me deu as boas-vindas sem entusiasmo. Eles tinham a onça em uma jaula pequena, de transporte. A duras penas conseguia se esticar e se virar, e já não a levavam para caminhar que nem cachorro porque deu uma patada com as garras num turista e lhe feriu a perna. Eu fiquei com vontade de chorar. Mas o voluntário que se encarregava dela, quer dizer, que lhe jogava a comida por entre as grades, me disse que construiria uma jaula digna. O cara tinha raspado a cabeça e prometeu não deixar crescer o cabelo até terminá-la.

### **Passarinhos e borboletas**

O cabelo do voluntário, que era louríssimo, já chegava até a orelha. A jaula ficou magnífica: tinha uma árvore que a onça trepava, uma plataforma elevada que usava para dormir e uma piscina onde tomava banho. Foi um desafio construí-la, pelas condições da selva, a chuva, o sol, os caminhos enlameados e o transporte em barco dos materiais de Buenaventura, mas, mesmo considerando isso tudo, ele levou mais tempo do que o necessário porque estava sempre fumando maconha. Ele tinha um lema: “Eu não trabalho todos os dias, mas quando o faço, trabalho duro”.

Eu ajudei tanto quanto pude com o trabalho físico e uma doação em dinheiro, e agora não tinha mais o que fazer pela onça a não ser jogar-lhe a comida por entre as grades, do que nos encarregávamos ele ou eu, os únicos voluntários que permaneciam na reserva. Anunciei que tinha chegado a hora de ir-me embora e ele me disse que estava pensando em consertar a casa abandonada. Como eu não quis entender o que ele insinuava, acrescentou: “Consertá-la para você, para a gente”.

A casa abandonada está escondida na reserva, longe da onça, as trilhas, a administração e a hospedagem de turistas e voluntários. Fica junto de uma árvore com frutos que atraem os passarinhos coloridos e umas borboletas enormes, com asas de cor azul metalizada. Foi construída nos tempos da exploração madeireira para abrigar os engenheiros e é uma casa de concreto, como manda a lei, no meio da selva. Dava para ver que alguma vez foi pintada de branco.

Fiquei na dúvida. Se eu ficasse, gastaria o resto da minha grana e não poderia seguir viajando. Mas, por outro lado, estavam a casa abandonada com seus



passarinhos e borboletas azuis e aquele homem forte que andava descalço na selva. Olhei para ele preocupada e disse que era para se cuidar, ele que não fosse ser mordido por uma jararaca.

### **Baratas, ratos e morcegos**

A casa tinha estado abandonada por tanto tempo que por dentro estava infestada de baratas, ratos e morcegos. Passamos os primeiros dias fumigando, arrancando o mato que crescia no concreto enfraquecido, tirando a terra negra dos buracos que tinham se formado no chão e nas paredes, e tentando branquear o mofo das manchas de umidade. Tinha goteiras em todos os cantos.

Com o passar das semanas ele se entregou à preguiça e à maconha. Nunca tinha me enganado, mas não esperei que piorasse. Esqueceu seu lema e já não trabalhava duro nem nunca. Passava o dia inteiro na rede enquanto à noite chovia dentro de casa. Tivemos que pôr a cama na sala, o único ponto onde não caía água. Eu lhe disse que agora sim eu ia embora e ele se levantou da rede, prometeu arrumar a casa desta vez sim de verdade e começou a cobrir as goteiras.

Dez meses depois só tinha coberto aquelas goteiras e, toda vez que eu entrava em desespero e ameaçava ir embora, ele consertava as novas que iam se formando. Mas a casa seguia igual: tomada pelo mofo, as manchas de umidade, os buracos, a terra negra e, se eu me descuidava, o mato e as pragas que viviam à espreita.

Agora o cabelo dele chegava embaixo das orelhas. A onça não era mais visitada por ninguém e a gente seguia alimentando-a com as provisões enviadas pelo administrador, que abandonou seu posto e fazia tempo morava em Buenaventura. Eu já não tinha grana, mas me ocorreu que podia plantar bananeiras e vender a colheita.



## A jararaca<sup>60</sup>

Os cachos de banana da terra estavam tão pesados que não conseguia carregá-los sozinha. Depois de muitas súplicas e ameaças e de lhe prometer uma porcentagem dos ganhos, consegui convencê-lo de que fosse cortá-los. Voltou quase de imediato, sem as bananas, e desabou no caminho de entrada. Estava tão mal que não pôde me explicar o que aconteceu com ele, mas eu soube na hora: tinha sido mordido por uma jararaca.

Examinei-o. Tinha a picada no tornozelo direito.

Agora estou decidindo o que fazer. Sei que teria que levá-lo a Juanchaco e suplicar aos militares para que o levem de helicóptero ao hospital mais próximo. Eu lhes diria: “É o voluntário que construiu a jaula da onça” e eles não poderiam recusar. Mas Juanchaco está muito longe, na reserva não há ninguém que possa me ajudar a carregá-lo e não tenho como ligar para El Paisa, que nos levaria em seu barco.

Então estou pensando em deixá-lo jogado ali mesmo. Da outra vez um veado morreu aqui por perto, os urubus e os vermes comeram o corpo e ao cabo de três dias só restavam ossos e pelo.

---

<sup>60</sup> NDT: Em espanhol, *equis*, nome comum da serpente *Bothropsasper*, utilizado na região Pacífico da Colômbia. Trata-se de uma serpente venenosa que se encontra na América Central e no norte da América do Sul. É do mesmo gênero da jararaca (*Bothrops jararaca*), que por sua vez é endêmica no Brasil, na Argentina e no Paraguai. Há muita semelhança entre as duas espécies, tanto na aparência como no comportamento e letalidade do veneno. Portanto, preferimos usar o nome comum em português, mesmo que não seja totalmente preciso em termos científicos, para respeitar a linguagem familiar da narração em espanhol.



## **HUESOS Y PELO<sup>61</sup>** **DE PILAR QUINTANA**

### ***El jaguar***

*En el Orinoco, el extremo más oriental de Colombia, un viajero alemán me habló de un jaguar que tenían en una reserva del Pacífico, el extremo más occidental de Colombia. Me dijo que lo sacaban a caminar como a un perro, con collar y correa. Los jaguares no son animales domesticables; yo tenía que verlo.*

*Atravesé el país en bus –los llanos extensos, las tres cordilleras y los valles ardientes– y llegué al puerto de Buenaventura, donde todo es gris porque vive lloviendo. Ahí tomé una lancha rápida a Juanchaco, la última parada antes de la reserva del jaguar. El viaje, por un mar verde lleno de crestas, duró una hora.*

*Juanchaco es una comunidad negra con casas de tablas de madera y un muelle de hormigón que custodian los militares de una base naval que hay cerca. El Paisa, un blanco que organiza los paseos turísticos en la zona, me llevó a la reserva del jaguar. Primero fuimos en moto hasta un embarcadero en medio de la selva y luego navegamos en una lancha de madera por un estero de aguas turbias que nos condujo a mi destino.*

*El administrador de la reserva me dio la bienvenida sin entusiasmo. Al jaguar lo tenían en una jaula pequeña, de transporte. A duras penas podía estirarse y darse la vuelta, y ya no lo sacaban a caminar como a un perro porque le dio un zarpazo a un turista y le hirió la pierna. Me dieron ganas de llorar. Pero el voluntario que se encargaba de él, es decir, que le tiraba la comida por entre las rejas, me dijo que le construiría una jaula digna. El tipo se había rasurado la cabeza y prometió no dejarse crecer el pelo hasta terminarla.*

### ***Pajaritos y mariposas***

*El pelo del voluntario, que era rubísimo, ya le llegaba a la oreja. La jaula le quedó magnífica: tenía un árbol que el jaguar trepaba, una plataforma elevada que usaba*

---

<sup>61</sup> QUINTANA, Pilar. Animales no domesticables. *Revista Dossier*, 28, Chile, jun 2015, 1. p. Disponível em [revistadossier.cl/animales-no-domesticables](http://revistadossier.cl/animales-no-domesticables), acesso em 15/08/2019.



*para dormir y una piscina donde se bañaba. Fue un reto construirla por las condiciones de la selva, la lluvia, el sol, los caminos empantanados y el transporte en lancha de los materiales desde Buenaventura, pero aun teniendo todo eso en cuenta le tomó más tiempo del necesario porque se la pasaba fumando marihuana. Él tenía un lema: «Yo no trabajo todos los días, pero cuando lo hago, trabajo duro».*

*Yo ayudé lo más que pude con trabajo físico y una donación en efectivo, y ahora no quedaba nada que hacer por el jaguar aparte de tirarle la comida por entre las rejas, de lo que nos encargábamos él o yo, los únicos voluntarios que permanecíamos en la reserva. Anuncié que había llegado la hora de irme y él me dijo que estaba pensando arreglar la casa abandonada. Como no quise entender lo que insinuaba, agregó: «Arreglarla para ti, para nosotros».*

*La casa abandonada queda en lo profundo de la reserva, lejos del jaguar, los senderos, la administración y el hospedaje de turistas y voluntarios. Está junto a un árbol con frutos que atraen a los pajaritos de colores y a unas mariposas enormes, con alas de color azul metalizado. Fue construida en los tiempos de la explotación maderera para alojar a los ingenieros y es una casa de concreto, con todas las de la ley, en medio de la selva. Se veía que alguna vez había estado pintada de blanco.*

*Me debatí. Si me quedaba me gastarían el resto de mi plata y no podría seguir viajando. Pero, por otro lado, estaban la casa abandonada con sus pajaritos y mariposas azules y ese hombre fuerte que andaba descalzo en la selva. Lo miré preocupada y le dije que se cuidara, no fuera a morderlo una equis.*

### **Cucarachas, ratas y murciélagos**

*La casa llevaba tanto tiempo abandonada que por dentro estaba plagada de cucarachas, ratas y murciélagos. Nos pasamos los primeros días fumigando, arrancando las malezas que crecían en el concreto debilitado, sacando la tierra negra de los huecos que se habían formado en el piso y las paredes y tratando de blanquear el moho de las humedades. Tenía goteras en todos lados.*

*Con el paso de las semanas él se entregó a la pereza y a la marihuana. No me había engañado, pero nunca esperé que empeorara. Olvidó su lema y ya no trabajaba duro ni nunca. Se la pasaba todo el día en la hamaca mientras por la noche llovía adentro de la casa. Tuvimos que poner la cama en la sala, en el único punto donde no*



caía agua. *Le dije que ahora sí me iba y él se paró de la hamaca, prometió arreglar la casa esta vez sí de verdad y se puso a tapar las goteras.*

*Diez meses después solo había tapado esas goteras y, cada vez que me desesperaba y amenazaba con irme, arreglaba las nuevas que se iban formando. Pero la casa seguía igual: tomada por el moho, las humedades, los huecos, la tierra negra y, si me descuidaba, las malezas y las alimañas que vivían al acecho.*

*Ahora el pelo le llegaba por debajo de la oreja. Al jaguar ya no lo visitaba nadie y nosotros lo seguíamos alimentando con las provisiones que enviaba el administrador, que abandonó su puesto y hacía tiempo vivía en Buenaventura. Yo ya no tenía plata, pero se me ocurrió que podría sembrar plataneras y vender la cosecha.*

### **La equis**

*Los racimos de plátano estaban tan pesados que no podía cargarlos yo misma. Luego de muchos ruegos y amenazas y de prometerle un porcentaje de las ganancias, logré convencerlo de que fuera a cortarlos. Regresó casi de inmediato, sin los plátanos, y se desplomó en el camino de entrada. Estaba tan mal que no pudo explicarme qué le pasó, pero lo supe enseguida: lo había mordido una equis.*

*Lo revisé. Tenía la mordedura en el tobillo derecho.*

*Ahora estoy decidiendo qué hacer. Sé que tendría que llevarlo a Juanchaco y rogarles a los militares que lo saquen en helicóptero al hospital más cercano. Les diría: «Es el voluntario que le construyó la jaula al jaguar» y ellos no podrían rehusarse. Pero Juanchaco está muy lejos, en la reserva no hay nadie que pueda ayudarme a cargarlo y no tengo cómo llamar al Paisa, que nos llevaría en su lancha.*

*Así que estoy pensando dejarlo tirado ahí mismo. La otra vez un venado murió por aquí cerca, los gallinazos y los gusanos se comieron el cuerpo y al cabo de tres días solo quedaban huesos y pelo.*

### **Pilar Quintana**

Pilar Quintana (Cali, Colômbia, 1972). É escritora e roteirista. Em 2007, ela foi escolhida como um dos 39 escritores jovens mais destacados da América Latina pelo Hay Festival. Em 2010, seu romance *Coleccionistas de polvos raros* venceu o prêmio



La Mar de Letras em Cartagena, Espanha. Em 2011, ela representou a Colômbia no International Writing Program da Universidade de Iowa e, em 2012, participou da residência de escritores da Universidade Batista de Hong Kong. Em 2018, seu romance *La perra* recebeu o IV Prêmio de Biblioteca de Narrativas Colombianas. Esta obra já foi traduzida na Espanha, nos Estados Unidos, na Inglaterra e na Itália, entre outros países, e proximamente será publicado no Brasil pela Editora Intrínseca.

### **Resumo da obra original**

“Huesos y pelo” é um conto da reconhecida escritora colombiana Pilar Quintana. Originalmente publicada no Chile, com o título “Animales no domesticables”, trata-se de uma narração, em primeira pessoa, da experiência de uma mulher viajante na selva da região do Oceano Pacífico, uma das regiões mais agrestes, negligenciadas e desconhecidas da geografia colombiana. A personagem chega ao local para conhecer uma onça da qual tinha notícia, e que estava sendo “domesticada” dentro de uma jaula no meio de uma reserva. Com o tempo, ela resolve ficar para trabalhar junto com outro voluntário. O conto narra como eles acabam sendo “tomados”, ou tendo sua própria natureza revelada, pela força incontestável do ambiente selvagem, alheio às considerações humanas.

### **Projeto de Tradução**

Pilar Quintana é uma das vozes mais poderosas e interessantes da atual literatura latino-americana. Em seus contos e romances é recorrente o tópico da violência da selva, ambiente que ela habitou por muitos anos. Estes assuntos permeiam não só a intimidade dos personagens, mas também a estrutura social em que estão imersos. A polivalência da natureza selvagem, que confronta o ser humano com sua própria insignificância, corrupção, nobreza e mais pura força vital tensionada pela morte, costuma estar presente nas atmosferas, personagens e enredos, e é reforçada pela prosa direta, eficaz e por vezes crua da escritora colombiana.

*La perra*, o mais recente romance de Quintana, aborda o drama da infertilidade de uma mulher negra, habitante do Pacífico colombiano, uma das





regiões mais pobres, esquecidas e atingidas pela violência do país, que também é o cenário do conto que aqui apresento. Em *La perra*, não apenas as emoções difíceis, obscuras e muitas vezes censuradas da experiência humana são exploradas com lucidez e beleza, mas também a selva ganha um lugar protagonista. Poderia se dizer que ela é mais um personagem, e magnificamente construído.

Considerando a iminente publicação desta obra no Brasil, a tradução e publicação de *Huesos y pelo* resulta ainda mais pertinente. Este conto é uma mostra representativa da prosa da autora, assim como da habilidade com que ela retrata o pano de fundo da selva e o drama das personagens, diante de disjuntivas, emoções contraditórias e a urgência da sobrevivência. Nesta versão do conto, a intenção foi transmitir não apenas o significado ou equivalência semântica e cultural, mas também reproduzir no estilo o tratamento certo na construção das frases e segmentos da narrativa, que é uma marca da obra da escritora. A linguagem do narrador em primeira pessoa é comum e simples, sabendo manter a atenção do leitor na sequência de acontecimentos e nos elementos do ambiente, construindo, com eles, a tensão interna da protagonista. A autora consegue transmitir ao leitor o efeito de estar conversando com alguém que conhece vividamente o ambiente duro e intrincado da selva e que, de certa forma, foi se apropriando da sua dureza (ou sendo “engolida” por ela).

Nesse sentido, algumas das escolhas de tradução buscaram reproduzir o estilo e familiaridade do texto original, prestando especial atenção para não cair na tradução imprecisa de termos que, pela proximidade das línguas, poderiam parecer equivalentes. Por exemplo, a seleção em português das palavras “onça”, “barco”, “planícies”, “manchas de umidade” e “picada” ao invés de “jaguar”, “lança”, “lhanos”, “umidades” e “mordidas” ou “mordeduras”, homófonas dos termos originais em espanhol.

Nos casos de “jaguar” e “lhanos”, mesmo que existam as palavras em português, os usos mais comuns e que estariam mais de acordo com o tom e efeito de proximidade coloquial da narração seriam “onça” e “planícies”, respectivamente.

No caso de “lança”, para se referir ao meio de transporte que levou a personagem pelos esteiros na profundidade da selva, a palavra homófona em português não seria o equivalente cultural e correria o risco de sacrificar o retrato da simplicidade e precariedade do transporte que é comum no contexto da região



do Pacífico na Colômbia. A palavra “barco”, em português, é mais genérica do que “lança” e, junto com “madeira”, permite que o leitor se faça uma ideia mais apropriada do contexto. Na primeira aparição do termo *lança*, optamos pela tradução “lança voadeira” por tratar-se de um meio de transporte de passageiros por via marítima, menos rústico ou simples do que o barco que a personagem usa para navegar pelos esteiros dentro da selva.

No caso de “umidades”, também no contexto da narração e no espanhol local, trata-se de um uso especial do termo genérico *humedades*. Não se refere, como poderia pensar-se, apenas à umidade própria do ambiente tropical e dos espaços domésticos que nele se localizam, mas especificamente às manchas que se formam nas paredes por causa da chuva constante, da umidade do ar e da ausência de ou proteção nas construções mais básicas de concreto. Essas manchas acabam sendo cobertas por mofo e a personagem, provavelmente uma pessoa da cidade, uma mochileira que acabou morando na selva como parte da experiência de viagem, se incomodava e lutava contra o deterioro constante e o mau aspecto que a invasão dos elementos do ambiente produz nas casas nesses contextos. Por isso, ela tentava pelo menos limpar o mofo das manchas, mesmo que estas seguissem intactas.

Por último, o uso da palavra “picada” em vez de “mordida” obedece a que, na frase imediatamente anterior, a narradora diz “tinha sido mordido por uma jararaca” e, se se traduzisse *mordedura* como “mordida”, que seria o termo mais próximo e de uso mais comum<sup>62</sup>, haveria uma repetição que não existe no original (no original o par de palavras é *mordido* e *mordedura*). Preferimos evitar a repetição (“mordido” e “mordida”) usando “picada”. Tanto em espanhol como em português, é comum falar em “picada” ou em “ser picado” por uma serpente. No entanto, o mais exato e correto no caso das serpentes, seria a expressão “ser mordido”. A autora escolheu usar esta forma para o vocabulário da narradora e mantivemos a mesma opção na tradução, com exceção da última frase, para evitar a interferência da repetição, que seria mais evidente em português.

Da mesma forma, algumas escolhas de tradução, no que se refere a expressões, modismos e variações gramaticais da linguagem oral, têm a intenção de preservar o tom direto e natural do original. O exemplo mais representativo deste

---

<sup>62</sup> “Mordedura”, a palavra homófona em português, não é de uso comum neste contexto.



procedimento está no último parágrafo da segunda seção do conto. No final do parágrafo, a mulher faz um pedido e uma advertência ao homem. “*Lo miré preocupada y le dije que se cuidara, no fuera a morderlo una equis*”. Na versão em português se lê: “Olhei para ele preocupada e disse que era para se cuidar, ele que não fosse ser mordido por uma jararaca”. A advertência da última frase, se estivesse em discurso direto, seria “não vá ser mordido por uma jararaca<sup>63</sup>”. No discurso indireto, a frase passou a ter a redundância (“não fosse ser”), que decidimos manter para conservar a naturalidade e a unidade em relação à estratégia narrativa que vinha sendo utilizada no conto. A narração tem um tom quase de anedota de viagem, como se a personagem estivesse contando para um amigo, na sua linguagem cotidiana. Nesse sentido, transformar essa parte em um diálogo, para evitar a redundância comum na linguagem oral, poderia afetar a eficácia do estilo e o tom do original.

Podemos ver, então, que mesmo tratando-se de um texto breve e de um par de línguas muito semelhantes, existem múltiplas escolhas, procedimentos e um trabalho de tradução e criação que buscam facilitar ao leitor brasileiro a experiência de leitura de uma escritora cujo projeto literário, construído no tempo, através de um trabalho constante e rigoroso, merece ser apreciado em toda sua força e com todas suas nuances. Esperamos que a leitura de “Ossos e pelos” seja um convite certo, como é a prosa de Quintana, para conhecer mais de sua obra e da literatura colombiana contemporânea.

## REFERÊNCIAS

PYM, Anthony. Tradução Cultural. In: **Explorando as Teorias da Tradução**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2017, p. 266-292.

QUINTANA, Pilar. Animales no domesticables. *Revista Dossier*, 28, Chile, jun 2015, 1. p. Disponível em [revistadossier.cl/animales-no-domesticables](http://revistadossier.cl/animales-no-domesticables), acesso em 15/08/2019.

QUINTANA, Pilar. **La perra**. Bogotá: Penguin Random House, 2017.

---

<sup>63</sup> A explicação sobre a escolha do termo “jararaca” para traduzir *equis* encontra-se em nota de rodapé na versão em português. Esta seria a única nota do tradutor que valeria a pena incluir no conto, considerando que a seleção da palavra implica uma imprecisão científica que preferimos “cometer” em função de conservara familiaridade da linguagem.



### **Biografia da tradutora**

**Ángela María Cuartas Villalobos** é escritora e tradutora. Alguns dos seus escritos têm sido publicados em revistas e antologias na Colômbia, no Equador e no Brasil. É autora da novela *Ceiba* (SM, 2017), que recebeu menção honrosa no Prêmio Barco a Vapor 2015, na Colômbia, e foi selecionado como um dos livros altamente recomendados pela IBBY-Colômbia, em 2019. É mestra e doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Letras/Escrita Criativa da PUCRS.

### **Biografia da revisora**

**Julia Dantas** é escritora, mestre e doutoranda em Escrita Criativa pela PUCRS. Atua com edição de texto, tradução e cotejo de traduções do inglês e do espanhol.